



III SRCCC
Seminário Regional
Comércio, Consumo e Cultura
nas cidades
Sobral-CE, 19 a 22 de junho de **2017**

A “CASA DO TIRADOR” E AS TERRITORIALIZAÇÕES DAS FESTAS DE REIS DE CARAÚBAS EM GRAÇA/CE

Antonio Jarbas Barros de Moraes ¹

Nilson Almino de Freitas ²

RESUMO

O artigo tem como objetivo antecipar algumas reflexões teóricas e metodológicas ocasionadas pela pesquisa que está sendo feita sobre as festas no município de Graça-CE, mais especificamente as festas de reis na comunidade de Caraúbas, partindo, especialmente, da “casa do tirador”. Dentre outras questões pensamos as dinâmicas nas disputas pelo território. Realizamos registros videográfico e de áudio na pesquisa de campo do reisado no ano 2016. A pesquisa se encontra em andamento, mas já demonstra que as festas desenvolvem uma geografia detentora de espacialidades vivas e múltiplas, constituídas por práticas culturais, definindo territórios que não podem ser entendidos como estáveis e definitivos. O território das festas de reis desenvolvem práticas cotidianas no espaço, compreendem dinâmicas sociais criadas pelas pessoas em um movimento de territorialização. Este movimento pode ser visto em suas dinâmicas sinérgicas constituídas por tensões entre agências múltiplas. Com base em experiência inicial da pesquisa passamos a compreender a importância das escalas microsociais para pensar direcionamentos conceituais que visam contribuir metodologicamente para estudos que possam compreender a territorialização como agências de várias subjetividades. A “casa do tirador” vai ser o elemento empírico que vai servir como ponto de partida para as reflexões teóricas e metodológicas aqui expostas.

Palavras-chave: Cultura. Festa. Território.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A CASA DO TIRADOR

O presente texto objetiva demonstrar algumas interpretações teóricas e metodológicas sobre as agências individuais na territorialização do espaço, tendo como foco as Festas de Reis do município de Graça/CE, mais especificamente, o distrito de Caraúbas. Ademais, um dos propósitos de nossa pesquisa, é realizarmos leituras sobre o espaço, paisagem e território em questão, tendo como foco

¹ Mestrando em Geografia pela UVA. E-mail: jarbasgeografia@hotmail.com.br

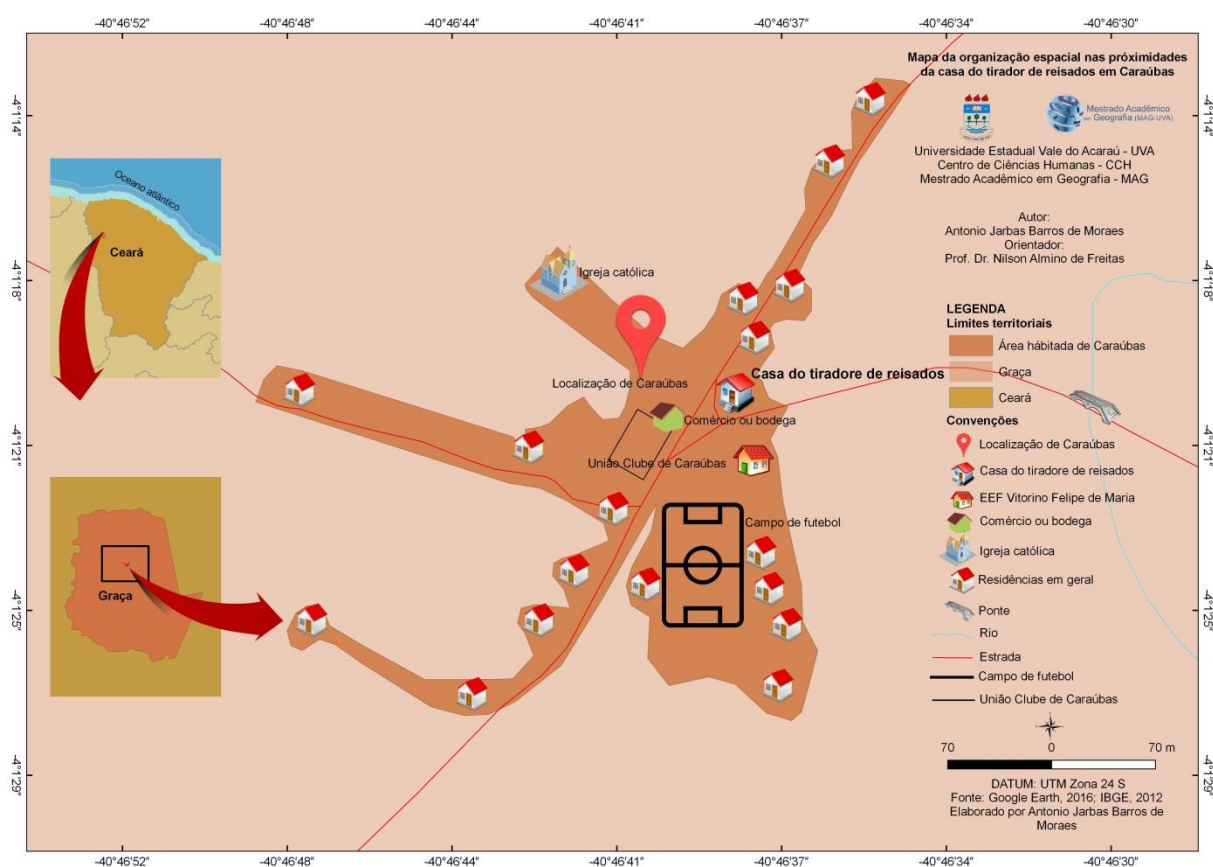
¹ Prof. Dr. da Universidade Estadual Vale do Acaraú, e-mail: geoluiz@hotmail.com

² Prof^a. Dr^a. da Universidade Estadual Vale do Acaraú, e-mail: virginiaholland@hotmail.com

aqui os entendimentos culturais dos indivíduos envolvidos na formação da festa, partindo da “casa do tirador”. Isto quer dizer que, como pesquisadores, não vamos dizer o que eles são, mas tentar traduzir, usando a linguagem própria do campo em que atuamos, a forma como os nossos interlocutores entendem suas construções práticas, suas intencionalidades, suas tensões e suas diferenças, fazendo este recorte geográfico.

O quadro teórico e metodológico a ser aqui exposto, é resultante de experiência compartilhada com os moradores de Caraúbas (Figura 1) nas brincadeiras de reisados nos primeiros dias do ano de 2016. O distrito está a noroeste do município de Graça. Para chegar à localidade é preciso percorrer uma estrada carroçável de aproximadamente quatro (4) quilômetros entre Graça e Caraúbas. Sintetiza-se esse ensaio com a pergunta: O que é a casa do tirador? Essa é questão que permeia essa breve análise, pois a casa do tirador está atrelada a uma série de dinâmicas culturais. A mobilidade e fixação ou movimento de territorialização da/na casa do tirador cria um série de práticas e significados. É ponto de partida e de entrada, demarca, cria identidade e um lugar de vivências. Dessa forma, uma *interpretação* do território acontece por meio das nossas vivências nos lugares do território e dos depoimentos cedidos pelos nossos interlocutores (BONNEMAISON, 2002).

Figura 1: Mapa de organização espacial nas proximidades da casa do tirador de reisado em Caraúbas



A casa tem uma edificação comum com três quartos uma cozinha americana (cozinha conjugada com a sala), uma sala e um armazém de estoques de alimentos que já teria sido um “ponto” de comércio, mas “por conta do movimento do comércio e barulhos” foi mudado para o lado de fora do clube de festas que fica a mais ou menos trinta metros da casa. Essa distância da casa evita contatos com agitações das farras do final de semana, o momento em que as pessoas realizam performances exageradas como dançar e “beber até cair” (BAKHTIN, 1987). Mais essa garantia de privacidade na festa de reis é praticamente deturpada com movimentação de “entra e sai” na casa do tirador por vizinhos, personagens² e visitantes. É uma agitação que diverte os caretas antes de saírem para as brincadeiras com celular tocando músicas de forró, integrantes “batendo” tambores e pessoas “pragateando”³. Todavia, os acompanhantes ficam a espreita observando, nem todos entram na agitação, já os caretas riem, recitam seus poemas, etc..

O Gerson Sousa é o dono da casa, a casa do tirador. Reside em Caraúbas, desde sua infância. Sua família é composta por cinco pessoas: ele, a esposa, duas filhas e um filho. Ele qualifica seu trabalho como autônomo, apesar de algumas vezes se dizer agricultor por documentação, e assim gostaria de ser aposentado. Uma “bodega”, o comércio, e fretes de um carro garantem o sustento da família. É também organizador de festas na localidade, festa do caju (em outubro), festejos do padroeiro Santo Antônio (em junho) e festas de reis (em janeiro). Os homens da localidade costumam viajar para estados do sudeste em busca de melhores qualidades de vida. Segundo o narrador, foi através do trabalho que Gerson em sua viagem para o Rio de Janeiro conseguiu comprar um carro e construir “o união clube de Caraúbas”. O clube é uma quadra murada, cimentada e com um palco. É nesse espaço que acontecem as três festas, mencionadas acima. Normalmente tem apresentações de bandas famosas (bandas que se destacam no cenário do forró no Ceará) e bandas locais. Através das conversas-observações no trabalho de campo, foi visto muita atenção por parte dos moradores na manutenção desse equipamento. Além disso, é considerado um legado para a comunidade, já que sedia todos os eventos público do local.

Mesmo em situação financeira pouco privilegiada, Gerson Sousa procura encontrar soluções para continuar fazendo a festa de reis, como ele mesmo narra:

Devido essa crise a gente está passando muitas dificuldades financeiras. A gente prosseguiu com essa tradição porque a cada dia que passa os contratos dos caretas vão aumentando e

² Os personagens do reisado são chamados de caretas dentre as quais existem mensageiros de santos reis, peregrinos e foliões, mas se tratando das festas de reis de Caraúbas – Graça/CE é a primeira designação. A divisão do reisado apresenta uma família formada pelos Caretas (mascarados) e tem como chefe casal de velinhos, criadores de animais, que dividem os filhos nas profissões Magarefe, Poeta e Vaqueiro ou magarefe (abatedor de boi) que procura um boi fugitivo de uma fazenda do sertão nordestino, o boi e burrinha. A respeito da burrinha e boi as suas presenças nos reisados são justificadas por se tratarem de animais que estavam no dia do nascimento do menino Jesus.

³ Sem definição precisa suponhamos que os pragateados do reisado, pelo som que se propaga, denunciam um tipo de dança com passos que imitam o galope de um cavalo.

sobre isso ai. Sobre os contratos de bandas está muito caro não sei como vai ficar mais na frente disso. A gente vai ter que fazer uma reavaliação para ver como é que vai ficar, vai permanecer essa tradição (SOUSA, (depoimento), 2016).

Gerson fala de uma espécie de vaidade existente nos personagens, em virtude de outros tiradores despojarem poder aquisitivo favorável para pagar personagens com preços maiores e com vantagens de serem contratados anualmente. Essa evidência, contudo, é uma influência negativa para aqueles que mesmo “sem poder” querem continuar fazendo reisados, em que se presume existir resistências dos “caretas de brincar por menos”, com cachê menor. Referindo-se ao pagamento dos personagens, ele afirma:

[...] Hoje, no caso das pessoas que são mais caros o magarefe, o poeta, o casal de velho, o boieiro são acima. Hoje esses destaques que eu falei magarefe, poeta e velho é em torno de 700 reais por os seis dias os caretas que na facha 400 a 500 reais. Nessa facha ai. Não sei como é que vai ficar mais para frente porque eu acho que não vai ter mais condições porque a gente fazer 5 ou 6 casas por dia. Os cinco dias dá 25 casas ai ver ai que o tiramento por esse ano sai em média 150 reais cada casa ai não dá para arrecadar o dinheiro, não dá para cobrir a despesa, apesar da despesa que tem em casa na casa do dono do reisado. (SOUSA, (depoimento), 2016).

A narrativa não é apenas uma história de vida, demonstra-se preocupação com a parte econômica de fazer o reisado. Essas tensões acontecem por meio de práticas culturais induzidas por um sistema de ações dos personagens e responsáveis, traduz uma produção territorial com articulações existentes entre as dimensões sociais, econômicas, culturais, subjetividades e objetividades do território (SAQUET, 2013).

Prosseguindo, a casa do tirador fica próxima a uma bifurcação de uma estrada que interliga Caraúbas a outras localidades. Sua frente fica ao lado do clube de festa, de uma escola, um campo de futebol e de casas de alguns vizinhos. A casa é preparada durante o ano inteiro para receber e “hospedar” os caretas, visitantes, apreciadores da festa e, no momento do trabalho de campo, o pesquisador. A casa não é efetivamente harmônica, como por exemplo, carros são estacionados em frete casa. A atitude para quem estaciona talvez fosse conveniente, porém, inconveniente, pensando nos motoristas das localidades vizinhas que usam o mesmo trecho interdito por alguns automóveis estacionados. Em resposta a essas atitudes alguns motoristas buzina incessantemente ao se locomoverem lentamente em pequenas frações da estrada.

A propagação da sonoridade das buzinas notificam manifestações corpóreas no espaço da festa. Alguns gestos notados nessa ocorrência e noutras, levar as mãos aos ouvidos, danças e bebedeiras, orientam reflexões sobre tensões nas relações que motivam as territorialidades.

Sobre a casa, Sousa (2016) fala que:

[...] durante os seis dias, aquele grupo ali se torna uma família, ai todo mundo na casa do tirador do reisado eles fazem como se fosse a casa dele. Fica todo mundo bastante à vontade com se tivesse em casa. Eles almoçam na casa do tirador do reisado, outras vezes eles são chamados para almoçar em outra casa porque sempre tem as promessas, as pessoas fazem as promessas para dar um almoço, para dar uma janta e para colocar a brincadeira também do reisado. Mas a casa representa isso, represento como se fosse sua própria casa durante aqueles seis dias (SOUSA, (depoimento), 2016).

Para Sousa (2016) “a casa é apta a recebê-los os seis dias”. A casa é o local de agências que devem facilitar o andamento das atividades desenvolvidas na festa, como: os caretas partem desse ponto de apoio para participarem de banquetes oferecidos por moradores da localidade. A oferta de comida se dá em função de algum credo religioso ou mesmo para ajudar nas despesas do tirador. E também marcam o início das apresentações⁴ pela vizinhança, em outras localidades e municípios circunvizinhos. Além de reduto de muitas práticas, a casa funciona como ponto de referência já que alguns integrantes do reisado não ficam todo tempo hospedados, pois ao encerrarem suas apresentações voltam de moto para suas residências para só no dia seguinte retomarem para a casa do tirador.

As relações de que se estabelecem na casa do tirador é tratada como “se fosse uma família”. Exatamente como uma família, existem relações (não) amistosas. Até certo ponto, podemos notar essas relações nos acompanhantes, principalmente aqueles que são considerados pelos integrantes do reisado de jurados. Não seria a figura de um jurado que avalia o desempenho dos integrantes, mas sim aquelas pessoas que opinam e analisam alguns trechos das apresentações. Os acompanhantes são pessoas que já foram componentes dos reisados ou simplesmente participam por simpatizarem. Alguns deles vivenciam diretamente o reisado, dormem na casa do tirador e até ajudam nos afazeres da casa, tais como: servir comida, na lavagem de roupas, na limpeza da casa, etc.. Aqueles que acompanham para fazer análises dos reisados são, muitas vezes, temidos pelos caretas, pois suas análises identificam fragilidades nas cantorias⁵ de porta; erros nas falas rimadas, versos rimados ou poesias; rimas fora do contexto do reisado e outros. Os acompanhantes, portanto, funcionam como um

⁴ As apresentações acontecem em ordens dramatizadas, ou seja, primeiro musicas e pragateados, em seguida velha e velha fazem suas cantorias, na sequencia caretas ficam de frente falando um para o outro de afobações que são capazes, mata-se o boi, o diplomata da família, o poeta, chega para resolver a questão do marte de seu animal, ele discute sabedoria com o magarefe até conseguir convence-lo a ressuscitar o boi. Quando boi volta a vida a festa aumenta é quando a burrinha no salão para concluir a festa, na despedem agradecem e saldamos adeus até o ano seguinte. E assim vai se repetindo em diferentes residências.

⁵ Cantorias ou canções são músicas de louvor em homenagem a crenças ou mesmo para pedir permissão para adentrar residências e fazerem suas apresentações.

sistema de controle para que a festa tenha uma certa coerência com valores cultuados enquanto tradição.

Por mais que as críticas possam subsidiar correção de fragilidades do grupo, são entendidas como uma demonstração de sabedoria suprema e que ironicamente eles “caretas experientes” pouco sabem do ofício. Essa maneira de agir com criticidade em alguns momentos desestabiliza parte do grupo, já que tais posturas também são julgadas como enfadonhas. Em outros momentos, as críticas equilibram o grupo por acertar detalhes que poderiam passar despercebidos. Os integrantes passam uma temporada preparando poesias e encenações para o reisado, críticas em meio ao trabalho, muitas vezes não são bem vindas.

Francisco Farias (2016) conta que sua experiência nos reisados, é:

[...] filho de um dos maiores poetas de reisados da região e o meu histórico de reisado vem da minha família, do meu pai que brincou por 40 (quarenta) anos em reisados e eu acompanhava sempre ele desde criança nas andanças dos reisados e continuei gostando embora nunca tenha brincado, mas tenho participado muita das vezes até ajudando alguns caretas com alguns pequenos versos que a gente consegue fazer e aprendi também com meu pai e é mais ou menos isso a minha história dentro do reisado. (FARIAS, (depoimento), 2016)

A fala dele ressalta a dimensão de construção de autoridade que ele pretende possuir. Fazer questão de dizer que sua experiência faz parte de uma tradição familiar ressalta esta necessidade de fortalecer uma condição de sábio. Além disso, em comum a Gerson Sousa (2016), Farias (2016) é um comerciante que também viajou para o sudeste em busca de qualidade de vida. Depois de passar alguns anos no Rio de Janeiro conquistou alguns bens materiais, casa própria e o próprio comércio que é a fonte de renda da família. Quando retornou para Graça, voltou a acompanhar reisados. Ele pertence a uma família de tradicionais brincantes dos reisados, inclusive, coloca seu pai como um poeta de renome. Apesar de entender que está ajudando na criação de versos ou poesias, sugestões nem sempre são bem vindas, como dito anteriormente. O acompanhante Francisco Farias (2016) relata a estadia dos reisados na casa do tirador:

Eles sempre ficavam mais não com a obrigação do pessoal ficar lá. Eles ficavam que aquele ponto era a casa do reisado, sempre tinha aquele ponto de ficar não obrigatoriamente como os caretas lá porque não se brincava “didia”, “dídia” ou cada um ia dormir ou tinha suas atividades e ai não necessariamente era aquele compromisso. Não existia parte financeira, também não existia o compromisso de você está lá obedecendo àquela pessoa porque você está recebendo pagamento. Não existia o contrato como hoje é firmado o preço tal, você vai por tal, por tanto, não existia essa parte. (FARIAS, (depoimento), 2016)

Farias (2016) demonstra que a casa serve como ponto apoio dos personagens, mas sem obrigatoriedade de habitarem os seis dias de festa. Essa experiência permite entender que em outros

momentos (se referindo ao passado), segundo ele, o reisado tinham poucos interesses econômicos, aconteciam por solidariedade. As pessoas sensibilizadas com o tirador doavam recursos para o acontecimento da festa. E os personagens, os caretas, “brincavam” de reisados porque gostavam de manter vivas essas práticas culturais. Então, pagamentos de “ofertas” ou contratos pouco existiam ou o poder aquisitivo dos tirados não permitia ser extravagante nos gastos. É um passado utópico. Não é um fato. É um passado que fala de um presente ou futuro que ele deseja. É uma espécie de manifestação de revolta contra uma monetarização da festa e, ao mesmo tempo, um lamento.

Percebemos que a responsabilidade com a festa é dividida. Moradores de outras localidades e de Caraúbas ajudam como podem, doando uma galinha, um quilo de arroz ou até mesmo brincando de graça. Os contratos “caros” que incomodam Gerson Sousa, noutros reisados vivenciados por Farias (2016), a brincadeira ficava resumida a dedicação dos personagens na elevação da qualidade do reisado e na capacidade de atrair curiosos, e o contrato não era obrigatório. Farias (2016), também, por não reconhecer a obrigatoriedade da estadia dos personagens na casa do tirador, a obediência ao tirador ficava a cargo dos caretas, pois trabalhavam e/ou desempenhavam outras atividades durante o dia, e só chegavam à noite para cumprir apresentações. Embora o narrador coloque suas experiências baseadas no passado, elas são bem vivas na sua fala, ao afirmar existência festiva das práticas de doação em dinheiros, em oferendas de almoços na casa de vizinhos, e mesmo na sua participação anualmente nos reisados (re)inventando suas experiências (WAGNER, 2010).

O Sr. Carlito, morador da sede do município, trabalha com agricultura familiar ou roçada. Questionado sobre a sua trajetória nos reisados, afirmou não saber ao certo quando iniciou, mas conta que “faz bastantes anos que eu comecei brincando”. A sua trajetória de vida na brincadeira é definida por uma rigidez hierárquica de personagens, como se fossem fases para atingir o que ele faz atualmente que é a “velha”. Primeiro teria brincado de careta, depois de magarefe e de velho por uns cinco reisados. Em seguida dedicou-se “a profissão de brincar de velha”. O profissionalismo é entendido pelo respeito ao aprimoramento de canções e poesias que são cantadas e recitadas pelos “brincantes”. Segundo o narrador, para assumir o papel de velha nos reisados, é preciso ser bem humorado para engendrar interações e situações em que o público se divirta e dê rizadas. Ele afirma que “as pessoas gostam do seu [...] trabalho e é um prazer trabalhar no reisado”⁶. Quanto a suas vivências na casa do tirador, Sr. Carlito afirma que:

[...] ali tem primeiramente que fazer uma latada⁷, a casa fica cheia de gente como você viu na Pirituba no Sr. Mariano, para o pessoal ficar a vontade e é bastante animado, ali se

⁶ Sobre a aceitação dos personagens vamos abordar noutro momentos dos nossos trabalhos. As questões de um personagem ser mais aceitos que outros e disputas por posições no grupo.

⁷ Cobertura de palha, mesmo que alpendre.

chama a casa do reisado durante os seis dias. Todo mundo entra, todo mundo come, todo mundo bebe e é aquela animação até o dia 6 (seis) é aquela animação e é todo mundo animado. Não tem desunião com ninguém, não tem um careta que estranhe o outro é tudo na santa paz. Acho que é o melhor dos santos reis que é milagroso.

O narrador estaria de tal forma contando características da casa do tirador. É claro, ressaltando a necessidade de se fazer a “latada” que, na sua avaliação, falta. Em algumas casas de tiradores são erguidas coberturas de madeira e palhas de babaçu – a latada –, é uma área destinada ao encerramento das festas de reis, também serve para estacionar carros e uma parte destinada as mesas de um bar. É importante ressaltar que se refere à casa do Sr. Mariano que foi tirador de reisado em 2015 e onde um dos articulistas fez uma pesquisa sobre a influência da religiosidade da festa no espaço geográfico (MORAES, 2015). Neste trabalho, a nomenclatura usado para o local era, e ainda se continua usando assim, “casa do tirador”. Não obstante, o Sr. Carlito não se refere como tal, mas como “casa do reisado”. Ao nos incluir na sua fala, lembra que sabemos de alguns detalhes porque participamos de outro reisado na localidade de Pirituba. Não tão diferente da alusão à casa do tirador, a casa do reisado há uma ideia de animação e expressão religiosa. Em contrapartida, esse recorte do espaço é configurando com relações que nem sempre são harmoniosas, pois apenas algumas pessoas se dedicam efetivamente, enquanto outras só “curtem” e ousam comer, beber e dançar em meio à festividade.

Desse jeito, as práticas culturais contadas pelos narradores aparecem como força de entendimento geográfico com pluralidades e diversidades, pois se retroalimentam da festa de reis fazendo das práticas culturais subjetivas e coletivas criarem territorialidades num complexo dinâmico do espaço. Desse modo, as nossas interpretações devem permitir vários entendimentos possíveis e flexíveis sobre as territorialidades (SOUZA, 2012).

As vivências narradas denotam inventividade e criatividade para além da rotina sêxtupla da festa de reis, afinal ela engloba pessoas, objetos e movimento que partilham valores e práticas plurais que programam a propagações de especificidade suscetível a territorialidades pelo cotidiano mesmo após o tempo da festa. Sendo assim, a festa desvencilha de sentido pleno em que o seu tempo estaria resumido a uma culminância da festa.

Esse pensar é um desafio teórico-metodológico cada vez mais premente, no campo científico da disciplina de geografia. Se aceita esse desafio com intuito de dispor de interpretações plurais das dinâmicas territoriais de “dentro dos casos” considerando seletivamente relações espaço-territoriais. A festa de reis foi aqui tratada enquanto manifestação cultural capaz de criar múltiplas práticas culturais no espaço geográfico que movimento continuado que intensifica a territorialização. Por enquanto, neste ensaio, nos restringimos à casa do tirador a fim de tornar inteligível um recorte do território da festa de

reis. Vale a pena agora viajarmos por reflexões teóricas e metodológicas que surgem desta experiência.

ALGUNS CONCEITOS

Entende-se que existe uma distinção entre o espaço e território, de modo que o espaço é totalitário e o território surge nas relações que acontecem no espaço. Em análise a obra de Raffestin, Saquet (2007), reflete sobre a abordagem relacional sobre o território. Ele acrescenta que a abordagem territorial tem que reconhecer as articulações existentes entre as dimensões sociais do território (economia-política-cultura), a natureza exterior ao homem, o histórico e a multiescalaridade de processos territoriais. Além disso, podemos pensar o território como uma negociação, nem sempre pacífica, de interações orientadas por interesses diversos por parte dos sujeitos envolvidos.

Haesbaert (1988) compreende que há uma identidade territorial, ela é uma identidade social definida fundamentalmente através do território. As relações de “apropriação” que se dão, tanto no campo das ideias, quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constitui parte fundamental dos processos de identificação social (RAFFESTIN, 1993). Acrescentamos que esta identidade não é estável, nem mesmo consensual, mas se concretiza, por mais que pareça contraditório, pelo desejo, ou seja, é uma potência. De fato é um lugar desejado, articulado ao espaço e ao território, fundado em uma história e experiências próprias também desejadas. DELEUZE e Guattari (1997) entende o conceito de desejo como agenciamento de um conjunto de elementos que constituem o contexto da identidade supostamente referente. Não se deseja uma identidade, mas uma série de elementos que formam um conjunto relacional que se articula com um lugar, à posição, ao interesse e à imagem que estão “ao redor” do “ser” desejado, o reforçando. Corrêa (2004) ainda chama atenção que o território e suas territorializações, tem um *continuum*, acrescentamos, não linear, com dimensões sociais políticas, econômicas, funcionais e concretas aos aspectos simbólicos e culturais. Portanto, não podemos falar de território como algo definido, mas uma corrente com fluxo indefinido, em construção, em movimento e em constante tensão.

O território em seus movimentos em busca da identidade, também produz a paisagem. Para Santos (2006) a paisagem se apresenta através de suas formas, “criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual” (SANTOS, 2006, p. 67). Esse entendimento é remetido aos processos de mudanças e anseios relacionados aos interesses dos sujeitos envolvidos. A paisagem e o território são compartilhados por meio de cores, ruídos, luz, *movimento*, experiências múltiplas, tendências de consolidações de possíveis estabilidades e, ao mesmo tempo, oscilações que qualificam os lugares (BONNEMAISON, 2002). Acresce que a complexidade desse conceito nos coloca

em um desafio metodológico e ontológico de pensar a paisagem como construção constante sustentada na personalidade presente nas relações, no trabalho, no bairro, na rua e na casa. A paisagem não é “fixa”, mas sim, “móvel”, pois é descortinada por práticas humanas quase imprevisíveis.

A festa é uma prática que acontece no tempo e no espaço engendrando significados e práticas culturais. A geografia cultural que está sendo construída sem estabilidade e previsibilidade desponta como orientação de ações e, acrescentamos com a reflexão de Claval (2010), condição para a construção e significação das espacialidades agenciadas pelas pessoas. Entretanto, não é um resultado de relações perfeitamente identificáveis que constroem objetos sólidos, valores e práticas que podem ser identificadas e padronizadas como culturais. A geografia cultural em construção é um movimento que se negocia no cotidiano nas relações entre agências em tensão. Pensar a festa de reis não é eleger rotinas abstratas que se referem a “costumes” e práticas usuais. Não se refere a folclore também. Se referem a ações orientadas por interesses distintos no cotidiano. Não é possível pensar a festa como enquadrada em um campo especial, apesar de ouvirmos alguns interlocutores tentarem classificá-la como religiosa, mas também permeada por práticas políticas, econômicas, jogos de interesses, dentre outros aspectos que vão bem além do estritamente religioso.

As interpretações iniciais deste artigo sobre a festa congregam leituras à Maia (2011) que ressaltam a dinamização do cotidiano do lugar e das pessoas, atividades e transformações no tempo e no espaço, como elementos de espetacularização (DEBORD, 1997). Estes elementos espetacularizados também podem ser entendidos, como nos ilumina Geertz (GEERTZ, 1991), como um signo no contexto de um sistema de signos, ou uma imagem em um campo de imagens múltiplas. Isso quer dizer que durante a festa, assim como acontece em tempos diferentes do cotidiano, as dinâmicas que são acionadas pelos diferentes agentes individuais não são previsíveis, como já dito, e não são circunscritas a um período específico ou local delimitado de forma precisa, impedindo ao pesquisador formular um sistema sólido que possa explicar de forma exata a festa, pensando sua temporalidade e espacialidade em si mesma, sem contextualizá-la em outras temporalidades e espacialidades, exceto nas reflexões abstratas, arbitrárias e genéricas onde não aparecem as práticas subjetivas, a sociabilidade e as agências como motivadoras de outras temporalidades e espacialidades que estão além daqueles delimitados para o acontecimento em foco.

No acontecimento da festa e, para além dela, há uma tensão constante entre temporalidades e espacialidades acionadas por diferentes agentes envolvidos como planejadores, executores, administradores, público, financiadores, objetos e cores que podem provocar conflitos entre as necessidades, tanto de preservação de determinadas simbologias e práticas quanto de modificações, no acontecer e em momentos anteriores e posteriores à data marcada da festa. As histórias faladas e

praticadas são múltiplas e não correspondem exatamente a versão da História genérica e superficial que geralmente é contada, como se o acontecido fosse uma repercussão de uma rotina. O espaço também comporta estas tensões entre práticas diferentes e não pode ser entendido de forma isolada. O acontecimento em si faz parte de algo mais amplo que ele.

Como já dito, entendemos também que, pensar o cotidiano, não seria elaborar sistemas abstratos de rotinas estáveis. Para Santos (1994), o tempo do cotidiano compartilhado é o tempo plural ou tempo dentro do tempo. Afirma também que é exatamente no lugar e no cotidiano que o teatro obrigatório das ações ganham o domínio da liberdade. É no lugar e no cotidiano onde encontra-se a multiplicidade de perspectivas, de coisas e de ações. Isso faz perceber que a dimensão pragmática das narrativas e ações individuais que encontramos e nos encontramos no cotidiano não devem ser esquecidas, mesmo que o narrador ou agente não seja um técnico ou um gestor acompanhado de seu poder/saber conferido por um diploma universitário e por representações que designam uma autoridade. Neste caso, a valorização da subjetividade do “ser humano comum” ou morador indistinto, passa a ser importante, pois é ela que vai orientar as ações, criar lugares e dar mobilidade ao espaço. Nesta lógica, ele deixa de ser visto como “ser humano comum” ou morador indistinto, e passa a ser o protagonista na construção dos espaços e tempos. Para pensar as narrativas e ações dos diferentes sujeitos no cotidiano, é importante entender que, falar e agir de forma interessada e flexível, adaptando-se ao contexto de situação em que cada um está vivendo no momento em que deve falar e agir, não pode ser visto de forma separada da análise do que foi feito e falado. É nesta perspectiva que a pesquisa pretende trabalhar com narrativas e práticas individuais registradas com recurso audiovisual, pensando o espaço e o território rompendo visões genéricas sobre seu morador e a festa, pensando o espaço como um complexo de perspectivas, ações e imagens múltiplas que se misturam com outras, tanto aquelas que fazem parte do espaço delimitado da cidade, tonando-se território, quanto aquelas vindas de fora, provocando encontros e desencontros no cotidiano.

O nosso estudo teórico e empírico acontece por meio de dimensões culturais, no intuito de aprender ou desaprender com a experiência. Voltando-se para o cotidiano da pesquisa, entendemos que, sobretudo, o pesquisador escreve sobre experiências. Compartilhar com os habitantes do lugar suas experiências do lugar/mundo, como diria Carlos (2007), permite uma revisão epistemológica que coloca em cheque a visão de ciência rígida que mostra muito mais o resultado de uma certa “ vaidade ” do pesquisador enquanto supostamente dono de uma saber competente e verdadeiro, em detrimento de outros saberes. Os lugares expressos a partir dos corpos em movimento e suas memórias vão ser entendidos nesta pesquisa como expressões de experiências bastante complexas, fluidas, muito mais vinculadas a contextos e situações do que as invariantes generalistas. Todos estes saberes vão

interagir na produção das diferentes formas de expressão dos resultados da pesquisa através de textos, fotografias e, possivelmente, um documentário.

A mistura entre tradições do campo da etnografia, da geografia, da história oral, da antropologia visual e das experiências dos interlocutores, está promovendo uma reflexão matizada em metodologias plurais que podem representar discursos que remetem à crítica socioeconômica, cultural, políticas, das dinâmicas territoriais locais.

Deixar-se afetar pela experiência de campo é a característica básica da vivência no trabalho etnográfico (GOLDMAN, 2006). O pesquisador não é aquele que registra objetivamente o "real" e explica suas leis. A atividade de pesquisa é mais humana do que isso. Há uma sinergia não planejada entre os diferentes agentes em ação no processo de pesquisa. O texto e, no caso de outras produções pensadas para esta pesquisa, o filme e as fotos, apesar de serem dirigidos e redigidos pelo pesquisador, que dá ênfase a determinados aspectos, edita citações, direciona sua narrativa e monta a sequência de imagens, é resultado de um conflito de intenções e ações de diferentes sujeitos presentes na vivência de campo. O pesquisador é afetado por essa experiência e, a partir dessa afecção, cria sua perspectiva e direciona sua análise (FREITAS, 2016).

No caso deste artigo, as experiências videográficas e imagens fotográficas não aparecem aqui, mas forma essenciais para composição do texto, como método e fonte. Como já mencionado, a pesquisa empírica reporta-se ao município de Graça, mais especificamente as Festas de Reis na comunidade de Caraúbas. Esta é uma comunidade que sediou a festa de reis em 2016 no município referido. Mas lembramos que ela anualmente muda de comunidade ou de residências, normalmente está atrelada a promessas por devoção a Belchior, Gaspar e Baltazar que são considerados pelas pessoas santos reis do oriente. Quando a promessa é cumprida surgem outros tiradores⁸ de reisados, responsáveis por organizar esse evento, que contratam novamente integrantes para o ano seguinte. Os acompanhantes normalmente se tornam tiradores de diferentes comunidades e residências. O reisado no caso da comunidade de Extremas, outra comunidade do mesmo município, está acontecendo desde 2011, na mesma residência e mesma comunidade. Quanto a localização "não é uma regra". O tirador, com cumprimento da promessa, resolveu dar continuidade sem intenções devocionais. Essas festas acontecem nas mais variadas condições sociais de residências (a casa) até balneários (clubes de festa). Assim, as festas de reis em Graça como objeto de estudo movimentam a população das comunidades, ruas e bairros. Além disso, os resultados preliminares demonstraram que as festas desenvolvem uma geografia detentora de vida e de múltiplos significados e práticas culturais.

⁸ Tirador é uma função dos reisados de Caraúbas e de outras localidades de Graça. "Tirar um reisado" é o mesmo que organizar o reisado, logo a pessoa responsável por um reisado em um ano é o "tirador" ou dono do "reisado".

ANALISANDO A FESTA E SUAS DINÂMICAS CULTURAIS: QUESTÕES DE MÉTODO

Diferentes disciplinas no campo das humanidades sugerem diversas abordagens relacionadas às dinâmicas ritualistas e festas. No seio da sociedade, a cultura compreende marcas espaço-temporais que apresentam significados e agências variadas. É justamente um objeto de estudos de muitos pesquisadores que se debruçam sobre um leque de possibilidade em constante movimento.

Pretende-se aqui ir além de perspectivas generalistas que ficam presas a ideia de que a festa referida é tradicional, independente da definição que se crie para o termo, e descrever considerando detalhes fundamentais na paisagem que superam este tipo de registro. Considera-se pertinente expandir a nuance cultural para experiências de campo que compreendam as dinâmicas espaciais a partir de práticas vivenciadas pelo pesquisador enquanto afectos. Práticas estas que (in)diretamente fazem parte de algumas pesquisas no campo da geografia. Não se trata de uma mera descrição, é uma descrição densa, onde o pesquisador tem a oportunidade de compor uma sinergia entre conceitos distantes da experiência, aprendidos no trabalho de campo, nos termos dos interlocutores, e conceitos próximos da experiência, próprios do campo de atuação dos pesquisadores (GEERTZ, 1997).

É claro não se defende o desuso ou se desvaloriza outras perspectivas geográficas. Tampouco defendemos estudos descritivos de expedições geográficas. A proposta é se apropriar daquilo que o campo vai nos fazer aprender, nos dizendo o que podemos explorar. Para isso, qualquer filiação partidária a uma corrente de pensamento ou autor central seria prejuízo, já que, ao aprender, o pesquisador passa por uma desterritorização de seus saberes e certezas, tendo que buscar se libertar de prisões que o obrigue a não se deixar afetar. A condição do pesquisador deixa de ser aquela de sábio e passa a ser de aprendiz que já possui uma experiência de vida, um domínio da linguagem própria de seu campo de formação, mas precisa aprender mais.

Nos termos de Geertz (2008) e Dardel (2011), o pesquisador precisa interpretar a experiência do trabalho de campo levando em conta a vida do homem e o meio, e detalhar significados e práticas sociais que lhe são inerentes, entendendo que estas são plurais, pouco estáveis, mutantes e construídas no contexto de relações de poder e conflito. As transformações sociais são influenciadas por demandas criadas pelos modos de produção da vida e ressignifica o mundo ao seu redor em diversas ordens e ambientes culturais. O país, o estado, a cidade, o território, o bairro, a rua e o indivíduo em suas relações produzem práticas culturais e significados sobre a vida em variadas escalas, espacialidades e temporalidades.

Por demais, a proposta é de problematizar. Nesse sentido, não se pode perder de vista o esforço epistemológico/metodológicos no tocante a ciência para com a cultura. Aos antropólogos, historiadores, filósofos, sociólogos e geógrafos, a cultura como uma recriação constante e pouco estável ou previsível de experiências vividas, possibilita interpretações de dentro dos casos, o que nos possibilita pensar a escala mais particular, o contexto, como inflexão e, ao mesmo tempo, constituinte do mundo. O trabalho aqui proposto serve para estudar significados dos lugares em escalas variadas, mesmo que o campo de atuação do pesquisador seja uma pequena comunidade. “Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto” (CERTEAU, 2008, p.35). Os seus significados podem estar ancorados nas ideias de heranças e tradições, mas também voltados para criatividade da vida nos lugares. E espaço e o tempo são parte integrante do processo elementar de aportes que identificam o passado, presente e futuro como primordial para a cultura.

Ressaltamos que a festa de reis de Caraúbas será conceituada a partir de experiências com narrativas, paisagens e imagem produzidas com os atores que compõe a festa em relação com o pesquisador, atentando para um jogo criativo das experiências de vida em coletividade. Assim, a memória da pesquisa não vai ser somente resquício monumental para outros tempos futuros, ela se envolve no próprio contexto vivido do território e tenta ser expressão de afecções. Para abordar essa temática de uma forma introdutória focaremos aqui nas relações entre saberes narrados e teórico-metodológicos. Tentando repensar alternativas capazes de encontrar formas didáticas e norteadoras de trabalhar esse conhecimento. Isso se deve em função do material videográfico e entrevistas transcritas que temos a esse respeito.

A videografia, nesse cenário, revela possibilidades e aplicações dos conceitos de territorialidades, cotidiano e festas de reis, a fim de, com eles, realizar uma interpretação daquilo que experimentamos no campo, de modo a transformar pressuposições “englobantes” da cultura das festas de reis em interpretações inventivas. No entanto, isso somente se justifica se compreendemos a invenção como um processo que ocorre de forma objetiva, por meio de aprendizados das maneiras pelas quais as vivências nos permitem compreender a festa de reis e as limitações dessa compreensão, e não como uma espécie de livre fantasia (WAGNER, 2010). Da mesma maneira as práticas culturais da festa de reis são reinventadas cotidianamente em uma totalidade objetiva das afecções entre as pessoas, a casa e o território (SANTOS, 2006).

Na pesquisa, estamos constantemente aprendendo sobre a festa de reis. A sua maneira de ser não depende de uma dimensão recortada do espaço, pois as territorialidades aparecem desde grandes a pequenos recortes espaciais. O enfoque sobre a questão do território, será a partir da perspectiva do lugar. Os lugares podem ser casas, ruas e bairros, onde se maturam relações próximas

ou personalidades. Nesses lugares, as práticas fazem parte da lógica de contradições e vivências (CERTEAU,1996). As pessoas são interlocutoras que atribuem uma propriedade a esses lugares reafirmando práticas que compõe as práticas culturais.

Por enquanto, reafirma-se que as territorialidades se manifestam nas práticas cotidianas em diversos espaços de Caraúbas, tais como: dentro e fora de residências, em clubes de festas, em salões destinados aos reisados e na casa do tirador. Segundo Corrêa (2004) esses movimentos de territorialização criados por meio de processos sociais concretizam o território constituído por territorialidades. Ressalta, ainda que o território é sempre efetuado por funções sociais. Essa compreensão é também fundamentada em uma perspectiva de território móvel, uma concepção de poder transportada de um lugar a outro, uma mobilidade de poder simbólico que está constantemente ocorrendo, portadora de particularidades que dizem respeito ao desenvolvimento do território humano, encarado, como uma forma de controle de ação. É justamente esse movimento de territorialização criado nas práticas cotidianas que elaboram uma continuidade cheia de significados. Territorialidades que abordaremos no tópico a seguir.

TERRITORIALIZAÇÕES, NARRATIVAS E A “CASA DO TIRADOR DE REISADOS”

Pensando essa experiência empírica em Caraúbas, é que o conceito de festa passou a ser uma categoria importante para análise. Apresentamos como objeto de estudos a festa específica de reis neste local, para pensar e problematizar o conceito de festa, flexibilizando sua compreensão. Para fortalecer esse ensaio, usamos as narrativas de três figuras importantes dos reisados: Gerson Sousa, que é tirador de reisados e organizador de festas; Francisco Farias, comerciante do município de Graça; e o Sr. Carlito, que é um brincante, cuja função atualmente é a de “velha”. A escolha se deve a proximidade de um dos articulistas com essas pessoas, fruto de outras festas de reis que participou como acompanhante ou admirador. Um ponto presente também nas narrativas é a tentativa de enaltecer a cultura dos reisados com idealizações de responsabilidade e seriedade. Entretanto, escutamos e dialogamos com narradores para dar visibilidades relacionais a aspectos (não)contados.

Antes de reunir interpretação sobre casa do tirador, achamos pertinente realizar algumas reflexões teóricas e metodológicas. Iniciamos o debate sobre a memória porque as principais fontes por nós usadas são pessoas e delas seus depoimentos que relatam suas vivências nos reisados. Nesse sentido, como diria Nora (1993), a memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e ela está em permanente transformação, aberta a lembranças e esquecimentos, inconscientes de suas deformações sucessiva, vulnerável a todos os usos e manipulações, de longas latências e de repentinas revitalizações. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. Porque é

afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que confortam. Ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções (NORA, 1993).

Então, isso é claro, Nora (1993) fez uma profunda reflexão sobre a memória, aplicando-a a ideia de mutável, pois a vida é constante. Assim, a memória vai estar em qualquer lugar de forma concreta, no espaço, nos gestos, imagens e objetos. De um lado, a experiência é marcada pela condição global capaz de engendrar transformações continuadas no presente, com realces de marcas do passado e desejos futuros. De outro, as possibilidades de comunicar as vivências na sociedade ampliam a delicadeza interpretativa. Ressalta-se, dessa forma, a memória criativa das pessoas a respeito da festa de reis em diferentes ponderações contínuas.

Paul Claval (2014) ressalta, em um apontamento geral e panorâmico, algumas das instâncias espaciais e temporais das festas. Têm significado comunitário e, em termos rituais, marca uma quebra na vida cotidiana, revelando-se em tom de espetáculo em suas espacialidades e pessoas envolvidas. Mas também ganha uma aproximação com os elementos seculares e alimenta jogos de poderes entre instituições, religiosos, comerciantes e outros. Trata-se de eventos passados, mas prescreve vidas futuras com espaço de comunicação por excelência que sustenta uma paisagem que reconhece um centro fixo. Para Claval (2014) ambiente festivo, ao promover o encontro de pluralidades culturais, intervém na maneira de viver e perceber o mundo. Assim, a vida parece ser outra, os problemas pessoais temporariamente desaparecem e a festa se expande na comunidade, gerando outro cenário emocional. A festa, de modo geral, carrega consigo uma narração histórica que evidencia a dinâmica social das pessoas que ali residem, seja de rejeição, ou aceitação. “Aqui mesmo, hoje, de tal modo, a festa invade a vida e, de repente, parece que tudo é ela – quando há “crise” ou mesmo por causa disso – ou parece que em tudo há uma dimensão que pode ser vivida como festa” (BRANDÃO, 2010, p. 19).

Segundo Brandão (2010), os novos modos de viver os festejos e redescobrir formas antigas da festa não acontecem somente por meio da descontinuidade da rotina. Para ele, é uma ideia de transgressão e exagero, mas não chega a romper o cotidiano. Duvignaud (1983) a considera, a festa, capaz de romper o cotidiano, ou seja, uma espécie de desagregação temporária com dramatização que conspira contra o cotidiano. Ele, Duvignaud (1983), ancorado na ideia de ruptura do cotidiano acresce que a festa tem um alcance que implica em um transe, no qual tem expressão mais frequente, a intensidade de uma natureza descoberta por intermédio das suas manifestações extremas. De encontro a essas perspectivas, Amaral (1998) entende que a festa “promete” a união de diversidades, é um meio de viver e celebrar em coletividade a cultura. Ademais, o tempo da festa pode ser apontado como um princípio classificatório: no limite, tudo é festa durante “o tempo da festa”, o que faz dela um fato social. Uma multiplicidade de relações de diversas naturezas (AMARAL, 1998, p. 40).

Interpõe-se que as festas atualizam mitos, como revivem e colocam em cena a história do povo, contada sob seu ponto de vista. Ela é, como vimos, desde a colonização, um dos lugares ocupados pelo povo, talvez uma de suas primeiras conquistas, e nela se vê e se representa em papéis ativos (AMARAL, 1998). E, dessa maneira, constatamos com perguntas ou mesmo conversas e práticas, como são vinculadas as dinâmicas territoriais. Estas práticas não acontecem desvinculadas dos eventos culturais e tampouco das narrativas criadas pelas pessoas.

Corrêa (2013) reflete sobre festa do candomblé usando a concepção de “festa de participação”. Participação é um conceito usado por Duvignaud (1983) para pensar o envolvimento da comunidade na festa e privilegiar a questão do festejar sob uma leitura das lendas, dos mitos e dos gestos. Já para essa autora, as relações coletivas produzidas na festa criam arranjos espaciais. Acrescentamos que esses mesmos arranjos espaciais criados pelas festas podem ser pensados em normativas em ordem social. No tempo da festa as pessoas se rebelam em ações que permitem a existência de regras, por exemplo, um brincante de reisados ou personagem tem um determinado traje que o uso não é generalizado para todas as pessoas. O exemplo atesta que, ao mesmo tempo, em que a festa ordena alguns aspectos outros também são desordenados.

Para a compreensão dos diferentes aspectos dessa complexidade em relação a interpretações sobre festa, visto por alguns como rupturas, por outros como pertinentes as práticas cotidiano, ou ainda como multiplicidade de olhares geográficos articulando óticas sobre dominação, apropriação, poder, relações, (des)organização, (des)ordem, coletividade e práticas, pensar a categoria cotidiano, ajuda a superar a ideia de que a festa de reis seria um momento de ruptura.

Os agentes constituidores do território da festa são os seguintes: a) moradores locais (cerca de uma dezena de famílias); b) comerciantes (em diversos gêneros, seja relacionado à mercearia religiosa ou não); c) acompanhantes (são “parentes” dos personagens ou do tirador, etc.); d) outros visitantes (aqueles que participam da festa por diversos motivos, como, o lazer). Por demais, escalas espaciais da localidade e os agentes constituidores do território relevam uma descrição-reflexão dos conteúdos das festas com interpretação interdisciplinares. Para tanto, a partir do saber geográfico, podemos entender que a cultura da festa se distingue do puro “espetáculo” momentâneo (CORRÊA, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentados de transformações criados pelos reisados na cidade de Graça não se sabe ao certo quando iniciou ou pouco nos interessa sua origem, mas os grupos de reisados estão sendo

acompanhados por um dos articulistas desde 2011, embora no começo seja apenas por admirar a rotina folclórica. Após adentrar, no mesmo ano, no curso de geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA, algumas reflexões surgiram amparadas na religiosidade das festas de reis (MORAES; SOUZA; MARIA JUNIOR, 2014; MORAES; SOUZA, 2015). Foi um olhar de “fora dos casos”. Inquietações a respeito da pluralidade do espaço da festa, mesmo após a conclusão da graduação, levaram questões para o mestrado em geografia na mesma instituição. Dentre as questões que surgiram, como as pessoas se entendem no cotidiano em festa? É, em questões dessa grandeza, que percebemos a possibilidade de interpretar a festas sob a ótica nossa e dos outros, das pessoas que vivenciam a festa o ano inteiro no cotidiano e a percebem para além dos períodos que culminam. Então experiências estão promovendo interpretações das dinâmicas territoriais de “dentro dos casos” considerando relações sociais que caracterizam e demonstram tensões.

As festas de reis foram aqui tratadas enquanto manifestações culturais capazes de criar múltiplas práticas culturais no espaço geográfico que movimentam e intensificam a dinâmica do território, sendo merecedoras de maiores e melhores reflexões geográficas. Por enquanto, neste artigo, nos restringimos a “casa do tirador” a fim de tornar inteligível um recorte da realidade vivida no território da festa de reis. É um desafio teórico-metodológico cada vez mais premente, porém no campo científico da disciplina da história, antropologia, sociologia e geografia esse desafio é aceito a dispor de interpretações que não sem prendam a rotinas. Estudos iniciais que realizamos sobre as festas de reis (município de Graça-CE) no âmbito da geografia, embora responda a estudo de caso, pode servir para o entendimento embora reconheçamos que ainda há muito a pensar sobre o conhecimento destas práticas de escalas varias do espaço geográfico, sempre incluindo as agências individuais dos corpos no espaço.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássio de Mello Peixoto. **Festa a brasileira**: significado do festejar, no país que não “é sério”. 1998. Tese (Antropologia) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BRANDÃO, Carlos. Rodriguês. **Prece e Folia, Festa e Romaria**. São Paulo: Ideias e Letras, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 1987.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto Lobato.; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 83-132.

- CERTEU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CORRÊA, Aureanice de Mello. **Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira: de cultura alternativa à inserção global**. 2004. Tese Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- CORRÊA, Aureanice Mello. “Não acredito em deuses que não saibam dançar”: a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zenir. **Geografia Cultural: uma antologia**. Volume II – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- CLAVAL, Paul. A festa religiosa. **Ateliê Geográfico** – Goiânia-GO, v. 8, n. 1, abr/2014.
- DUVIGNAUD, Jean. Festas e civilizações. Fortaleza: UFRJ/Tempo brasileiro. 1983.
- FREITAS, Nilson Almino de. **Odores da cidade**: pesquisa videográfica sobre o olfato e a memória. 2016.
- FARIAS, Francisco. **(depoimento, 2016)**. Graça – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.
- GOLDMAN, Márcio. Jeanne Fravet-Saada, os afetos, a etnografia. In: **Cadernos de Campo**. número 13, 2005, pg.149-153.
- HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CORRÊA, R.L.; CASTRO, I.; GOMES, P.C.C. Geografia: **Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. **latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Traduzido por Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.
- _____. **Negara O Estado Teatro no Século XIX**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.
- _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MAIA, Carlos Eduardo Santos. Paisagens festivas e interações míticoritualísticas em práticas tradicionais do catolicismo popular. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, N. 30, JUL./DEZ, 2011. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>>. Acesso em: 12 de agosto de 2014.

MORAES, Antonio Jarbas Barros de.; SOUZA, José Arilson Xavier de.; MARIA JUNIOR, Martha GEOGRAFIA, CULTURA E EDUCAÇÃO: sobre as festas religiosas. In: Encontro Regional de Prática de Ensino em Geografia, 2., 2014, Piauí. **Anais...Piauí**, 2014.

MORAES, Antonio Jarbas Barros de.; SOUZA, José Arilson Xavier de. **Espaço e religião**: das ruas e festas à geografia escolar. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) – Centro de Ciências humanas, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história. **A problemática dos lugares**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História, São Paulo: n.10. 1993.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. - 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAQUET, Marco Aurélio Saquet. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão popular, 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectiva a partir da cidade. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão.; WHITCKER, A. M. **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 11 - 130.

SOUZA, Gerson. (**depoimento, 2016**). Graça – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

CARLITO, SR. (**depoimento, 2016**). Graça – Ceará, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Departamento de Ciências Sociais.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.